

Taciturno

Anderson da Silva Pereira

“Estou tão cansada”, ela repetiu ou ao menos pensei tê-la ouvido repetir. A verdade é que eu não prestava atenção ao que ela falava. O que chegava aos meus ouvidos eram tão somente palavras soltas, atiradas apressadamente por lábios pálidos. Lábios que já foram vermelhos e marcantes e que costumavam estar revestidos por uma quantidade quase exagerada do mesmo extravagante batom vermelho, que os acentuavam e marcavam ainda mais. Curiosamente, quando me deparei com aquele desconcertante tom de vermelho vivo que pincelava sua boca, o efeito causado em mim foi tamanho que imaginei chamas crepitantes de uma fogueira recém-incendiada. As chamas que ela mantinha dentro de si e que refletiam e irradiavam em todas as partes do seu corpo. Ela costumava ter uma chama própria. Mas isso foi em tempos remotos, tempos que, insistentes, saltavam, poeirentos do baú da minha memória.

Me perguntei para onde foram aquelas intensas chamas. Será que fora eu quem as apagara ou será que ela se incendiara por si própria até não sobrar chama alguma, até restarem apenas as cinzas decrépitas e mortíferas? Eu não sabia, e ela nunca havia me contado a resposta para esse mistério. Talvez fosse porque eu nunca a questioneei a respeito disso. Ou talvez ela mesma não soubesse me dizer a resposta. Difícil saber, já que não conversávamos como antes, como naqueles áureos tempos remotos. Em que momento paramos de nos comunicar claramente, através de frases completas e audíveis, através dos sentimentos que compartilhávamos? Por que já não escutávamos um ao outro com a mesma atenção e afinho de antes?

Chamas crepitantes, chamas intensas, chamas ardentes. Até que tudo se apagou. E as cinzas nos rodeavam e assombravam como fantasmas do nosso próprio ser.

Estávamos sentados na mesma sala parcamente iluminada pela única lâmpada que ainda funcionava. Vez ou outra, essa mesma lâmpada que pendia do teto sujo da sala, apagava, momento em que éramos abraçados pela quase palpável penumbra do dia, como dois ratos abrigados em sua toca. Quando a lâmpada tornava a acender, voltávamos a ser banhados pela fraca e triste luz e eu, vez outra, em total sincronia com o movimento apaga-acende da lâmpada, mantinha uma secreta esperança de que quando a luz preenchesse novamente o recinto, eu olharia para ela, ela para mim, e ambos

veríamos surpresos e atônitos dois pardais prestes a voar. Porém, bastava que as luzes voltassem para que eu me deparasse com a mesma cena: nós dois continuávamos sendo dois miúdos ratos, ocupados com suas próprias mazelas individuais. A esperança que ainda me restava depressa se esvaía, como a areia de uma ampulheta gasta pelo tempo. Aparentemente, metamorfoses desse tipo eram impossíveis de acontecer.

Se eu abrisse as janelas, talvez me deparasse com uma visão estonteante de uma manhã clara, com um céu azul recheado de nuvens brancas, talvez o sol brilhasse incandescente lá fora, em uma promessa de um dia acolhedor e caloroso. Bastava abrir as janelas. Porém, nenhum de nós dois fazia o mínimo esforço para sequer levantar os olhos na direção delas, de modo que permanecíamos em uma eterna noite que nunca adormecia e tampouco amanhecia. Era sempre noite na nossa casa. Uma noite sem estrelas.

Houve um tempo em que ela ainda me pedia para trocar as lâmpadas dos outros cômodos da casa, as que tinham queimado ou parado de funcionar e lá haviam permanecido como enfeites mórbidos da nossa vida. Se nós acreditássemos em metáforas, essa seria a mais perfeita delas. Todas as luzes da nossa casa se apagam e somente uma permanece acesa como uma pequena chama de esperança de dias vindouros que serão melhores. Isso poderia significar que iríamos sobreviver, afinal ainda havia uma pequena chama, uma pequena luz na noite sem estrelas dos nossos dias, enquanto estávamos imersos em uma quase escuridão sufocante, porém habitual.

Pelo canto do olho, observei essa única chama de esperança, vinda do teto da antessala em que nos encontrávamos sentados imóveis na mesinha em que costumávamos receber as visitas. A luz brilhava fracamente, como um alerta de que talvez não resistisse por muito mais tempo. A chama se apagaria assim como aquela que Ela tinha – viva, única e ardente – e que se extinguiu completamente. O tempo é engraçado, chega no tempo dele, na hora que bem entende, muda todas as coisas do seu devido lugar e nos desgasta aflitivamente em sua passagem.

Quando, por fim, levantei os olhos do tampo poeirento da mesa e ousei encarar o rosto Dela, notei, mais uma vez, as rugas proeminentes que o marcavam, os olhos lacrimejantes, os cabelos pretos manchados de branco, a expressão triste. Eu sabia que estava no mesmo estado. Mas não devíamos estar daquele modo. Éramos tão jovens. Os nossos corações deveriam estar flamejantes e pulsantes, os nossos sentimentos deveriam aumentar e transbordar continuamente, o nosso afeto deveria estar vivo. Nós dois deveríamos estar vivos.

Sentindo a intensidade do meu olhar sobre si, Ela resolveu me encarar de volta em um raro ímpeto de coragem repentina. As rugas proeminentes do meu rosto marcado por Ela foram notadas. Os meus olhos lacrimejantes, os seus próprios olhos lacrimejantes fitaram. Os meus cabelos pretos, manchados de branco, Ela contemplou. E senti o mesmo peso do tempo que eu, o mesmo peso esmagador que pendia sobre nossos ombros caídos e nos impedia de sentir qualquer outra coisa.

Nenhum de nós dois conseguiu sustentar o olhar um do outro por muito tempo, de modo que cada um o desviou para direções opostas. Ela, primeiro, voltou a fitar o colo e puxar um fio inexistente de sua desbotada blusa carmim. Eu, logo em seguida, baixei o olhar para a mesa poeirenta à minha frente e continuei observando, pelo canto do olho, a única lâmpada que iluminava o ambiente, a chama de esperança que reluzia e sobrevivia, até que, silenciosamente, como nuvens tempestuosas que encobrem uma Lua que sorri, maliciosa lá do alto, a lâmpada queimou, apagou, também gasta pelo tempo. E então estávamos mergulhados em uma escuridão total, uma noite tempestuosa e eterna sem estrelas.

“Estou tão cansado”, eu repeti para ela, que pareceu também não me ouvir.